

# REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira.

## JOGOS POPULARES INFANTIS

### I

#### A PIANA (1)

O jogo da piana usa-se geralmente no outomno e tem logar em terreiros, situados dentro ou fóra das povoações. Pódem entrar n'oste jogo duas ou mais pessoas, estando cada uma munida da sua piana ou pião.

A piana é feita de madeira; tem a fórmula esferoidal e a sua superficie é lisa. Compõe-se d'uma parte dilatada chamada barriga (bôjo) e d'uma parte estreita (postecção), onde s'introduz uma pequena ponta d'aço, que se designa pelo nome de ferrão. Na parte superior e ao centro da barriga da piana, em um ponto diametralmente opposto ao ferrão destaca-se uma pequena saliência arredondada, a que se dá o nome do cabeçalho.

O pião compõe-se das mesmas partes que a piana, e differe d'ella apenas em ter o bôjo mais estreito. No pião ha, pois, predomínio do diametro vertical sobre o transverso.

Tanto a piana como o pião pódem ser privados de cabeçalho, e neste caso dizem-se rabêtos, á similhança dos aninacs que não tem cauda.

Reunidos os rapazes em qualquer terreiro, e combinados para jogarem á piana ou ao pião, um delles lança no chão um cuspo, que serve d'alvo a todos os jogadores, para o intento de se saber qual d'elles tem de deixar a piana debaixo, isto é, no chão. Lançado, pois, o cuspo no chão, todos os jogadores procuram pica-lo com as suas pianas, fazendo-as bailar. Aquelle que pica mais longe do cuspo, é que tem de deixar no chão a sua piana, afim de soffrer as nicadas das outras.

Cada jogador não póde jogar a sua piana para picar no cuspo mais d'uma vez.

(1) Piana=pitorra ou pitôga.

Apanhada que seja uma piana no chão, cada um dos outros jogadores faz bailar a sua piana, diligenciando dar na que está debaixo um nique (nicada) ou pelo menos tocar-lhe de raspão. Se, porém, no acto de jogar a piana, o jogador não tocou na que está no chão, tem que aparar a sua piana, mesmo a bailar e bater-lhe depois com ella uma ou mais vezes. O que não attingiu a piana que está debaixo, nem no momento de jogar nem depois d'aparada, perde, e tem porisso de collocar a sua em vez de outra.

Repute-se depois o mesmo exercicio, e assim successivamente.

A piana que está a bailar aparar-se, apoiando o dorso da mão direita no mesmo plano em que se acha a dicta piana, e imprimindo um pequeno movimento de flexão aos respectivos dedos indicador e medio, de molde a impellir o referido brinquedo para a palma da mão, onde continuará bailando, desde que o movimento d'impulsão seja bem feito.

Para fazer bailar a piana enrola-se-lhe um cordel em espiral a começar no ferrão e a terminar na parte média do bôjo; pega-se-lhe em seguida com a mão direita, pondo o dedo polegar sobre uma das faces e os outros quatro dedos sobre a face opposta, de maneira a segurar a extremidade livre do cordel, e atraz-se com a dicta piana ao chão, imprimindo-lhe um movimento de rotação e deixando preso em nossa mão o cordel.

Quando a piana está quasi acabando de bailar diz-se que está nas *encias*; e quando acaba de bailar dizem que se *apagou*. A piana que baila bem, deslocando-se suavemente, qualifica-se de *serena*; se, pelo contrario, a bailar pula muito, diz-se que é *esgravulha*.

O jogo da piana é um daquelles que os rapazes mais gostam; e a sua maior habilitade consiste em fazer vir a piana á unha do dedo polegar da mão direita, na occasião em que ella baila, passando-a depois pelas cabeças dos dedos. Muitas vezes a piana é transportada para cima d'uma superficie lisa, uma taboa por ex., para ahí

bailar mais serenamente. E quando parece que a piana não se meche, diz-se que *ferrou* ou está *ferrada*. Os rapazes tambem costumam esfregar o cabeçalho em cal branca das paredes porque acham pittoresco o effeito produzido pelo cabeçalho caído, estando a piana a bailar.

A's vezes tambem cospem sobre a piana a bailar para verem saltar a saliva.

### Variedades do jogo da Piana

#### A—O AÇOUGUE

Reunem-se os rapazes em qualquer largo, e picam com as suas pianas no chão em volta d'um cuspinho (cuspo), conforme descrevêmos atraz. Aquelle que ficar mais distante do cuspinho, deixa ficar a piana no chão, e todos os outros jogadores, cada um pôr sua vez, têm de lhe dar com as suas pianas de nique, isto é, com o ferrão. As pianas que tem de nicar a que está debaixo, devom ser jogadas de modo que fiquem a bailar. Se algum dos jogadores erra a piana que se encontra no chão, é obrigado a por a sua em logar della.

Logo que a piana, que está debaixo tenha levado sete niques, vai encerrar-se. O encerramento consiste no seguinte: Fixa-se com a mão esquerda em qualquer parte, ordinariamente no chão, a piana que levou os sete niques, ficando o cabeçalho voltado para cima, e cada um dos jogadores, tomando com a mão direita a sua piana, dá-lhe com esta sete nicadas, apontando principalmente ao cabeçalho.

#### B—A CASARÓLA

Traça-se no chão uma circumferencia chamada *casaróla*, e dentro d'ella colloca a sua piana aquelle que ficou mais distante do cuspinho. Os outros jogadores tratam então de tirar por meio das suas pianas aquella que está dentro da casaróla. Para isso jogam as suas pianas apontando para a que pretendem tirar, mas de maneira que ellas saiam a bailar para fóra da casaróla, porque a piana que se apaga dentro da dicta casaróla, fica presa em logar da que lá estava, á espera que a tirem a seu turno.

## II

#### A PÁTA

O jogo da pata usa-se principalmente d'inverno, e escolhem-se para elle terrenos rasos, geralmente nas immediações da

povoação ou em quintaes grandes.

Para este jogo são necessarios dois objectos de madeira chamados *páta* e *páteiro*. O páteiro é um pau de fórma cilíndrica de comprimento variavel, mas não excedendo meio metro, e aguçado numa das extremidades. A páta tambem é um pau de forma cilíndrica, muito mais curto que o páteiro, e termina em ponta em ambas as extremidades.

Para jogarem á pata, juntam-se dois ou mais rapazes num largo, e traçam no chão com o proprio bico do páteiro uma cruz. Collocam depois a pata sobre a cruz, e a contar desta medem tres passos, segundo um trajecto perpendicular ao meio da pata; ahi fazem um risco, servindo-se egualmente do páteiro.

Em seguida, cada um dos jogadores postando-se junto d'esse risco, toma com a mão direita o páteiro, como quem pega em uma cannêta d'escrever, e voltando-lho o bico para baixo, atira com elle afim de picar a pata.

Esse que picar a propria pata ou mais perto d'ella, manda á caça o parceiro que ficou mais afastado.

Para mandar o parceiro á caça, pega-se no páteiro com a mão direita e na pata com a esquerda; larga-se depois a pata, e n'esse momento bate-se-lhe com o páteiro uma pancada forte, de modo a faze-la ir longe. O jogador que mandou o outro á caça, colloca immediatamente o páteiro na cruz, no mesmo sitio onde estava a pata.

O individuo que é mandado á caça, vai então ao logar onde cai a pata e d'ahi atira com ella ao páteiro; se bate neste, ganha, e neste caso toma o páteiro para mandar á caça o parceiro que se lhe seguiu na ordem do pique; se não acerta no páteiro, tem d'ir buscar a pata e colloca-la na cruz em vez do páteiro. O que está na posse deste bate então tres pancadas n'uma das extremidades da pata com o bico do páteiro, fazendo-a saltar e procurando bater-lhe no ar com o mesmo páteiro afim de a impellir longe. Antes de bater no bico da pata tem de perguntar ao parceiro *se está*, isto é, se a pata está bem collocada, e só depois do dito parceiro dizer que sim, é que lhe pôde bater, do contrario, perde, e tem de ceder o páteiro a outro. O possuidor do páteiro tambem perde, se nas tres pancadas que dá no bico da pata a não faz saltar a uma distancia superior ao comprimento de tres páteiros. Dadas as tres pancadas na pata, o mesmo individuo que



lh'as deu vai ao sitio onde ella ficou, e a partir desso ponto conta as voltas que dá com o pateiro até á cruz. As voltas contam-se pegando no pateiro com a mão direita, pondo o dedo polegar numa das faces e os outros quatro dedos na face opposta; e apoiando no chão ora o bico do pateiro ora a extremidade opposta, ao mesmo tempo que se vão dando as voltas ao pateiro; vai-se dizendo: *pata-galharda-um, pata-galharda-dois, etc.* Se a distancia assim medida tiver um numero de voltas não inferior a vinte e quatro, o jogador que tem na mão o pateiro, pega na pata e do sitio da cruz atira com ella o mais longe que pôde, e do logar onde ella cai até á referida cruz, vem ás costas do parceiro que anda á caça. Chegado á cruz apeia-se e torna a mandar o parceiro á caça e assim por diante. Se a referida distancia não mede as vinte e quatro voltas, o possuidor do pateiro não tem mais que é mandar o outro parceiro novamente á caça, e assim successivamente até perder.

#### Variedade

### A CASARÓLA

Juntam-se os rapazes no local aprazado para o jogo, e traçam com o bico do pateiro uma circumferencia (casaróla) e dentro della uma cruz. Colloca-se na cruz a pata, e procede-se aos piques como a traz ficou descripto. O jogador que picou a pata ou mais perto della manda á caça o parceiro que picou mais distante. Este é mandado á caça pelo mesmo processo que descrevemos ha pouco; ou então colloca-se a pata na cruz, e o possuidor do pateiro, batendo-lhe com este em um dos bicos tres vezes, fa-la saltar á maior distancia que pôde, dando-lhe tambem pancadas no ar enquanto ella salta. O individuo que anda á caça, vai ao sitio onde ficou a pata, e apanhando-a joga-a para dentro da casaróla. Esta é defendida pelo jogador que tem o pateiro, e que collocando-se dentro d'ella, apara no ar a pata por meio do pateiro, desviando-a para fóra da casaróla. Se a pata não consegue entrar na casaróla, o jogador do pateiro vai ao sitio onde ella está, e batendo-lhe em uma das extremidades com o pateiro fa-la saltar tres vezes, como acima dissemos. O outro parceiro, então, tem d'ir novamente á caça, e assim successivamente, até conseguir fazer entrar a pata na casaróla, que é quando toma posse do pateiro para o seu

turno mandar outro parceiro á caça.

(Continúa)

Serpa—Março de 1898.

Ladislau Piçarra.



## TRADIÇÕES POPULARES

(Miscellanea)

Ao sr. J. da Silva Vieira.

### I

#### As pedras de raio

Já se não faz mister outra campanha, como a que sustentou no começo d'este seculo o insigne naturalista francez Boucher de Perthes afim de convencer os espiritos cultos d'aquelle tempo—de que as pedras vulgarmente chamadas *de raio* representavam apenas os primeiros instrumentos de trabalho fabricados pelo homem. (1) Para quem fór, ao menos, medianamente instruido, o facto não offerece hoje a mais ligeira duvida.

Mas se isto é assim tratando-se de pessoas illustradas, já se não dá o mesmo com a gente inculca, a qual ainda vê nas machadinhas prehistoricas, as pedras de lume terrorisantes com que Deus castiga o pune os humanos peccadores.

D'esta crença supersticiosa deriva o grande apreço em que o povo tem as referidas pedras, as quaes adora e guarda como reliquias sagradas, attribuindo-lhes varios poderes e virtudes miraculosas.

Segundo a lenda espalhada n'esta região, as machadinhas—chamadas *pedras de raio* ou *pedras de corisco*, conforme são maiores ou menores—penetram no sólo até á profundidade de sete varas; depois vem subindo, subindo, uma vara cada anno, até chegarem á flor da terra. A virtu-

(1) Antes do Boucher de Perthes affirmára Buffon—affrontando as iras da reacção—que as machadinhas eram nem mais nem mehos do que os primeiros monumentos da arte do homem.

Coincidencia notavel: Buffon falleceu, precisamente, no anno em que Boucher de Perthes viu a luz do dia (1788).

de que por aqui se lhes attribue, è a de preservarem de perigos (2). «Onde está um não cae outro» è a expressão popular. Com tão inestimavel attributo, as machadinhas, ainda que abundantes, difficilmente se obteem (3). A gente do povo costuma guardal-as a sete chaves dentro da arca de pinho ou do bahu; e a burguezia *cosiue* encerra-os nos oratorios ao lado de todos os santos e santas da sua devoção.

## II

### O padre nosso dos frades

Uma velha octogenaria, coeva dos conventos e dos frades, delectava—ha uns vinte annos—o meu espirito de creança com a narração de grande numero de historietas, casos, trovas, decimas e adivinhas.

Pertence a esse numero o *padre-nosso dos frades*, que damos adiante—incompleto, porque o tempo nos apagou já da memoria os versos finais. A velha a que nos referimos era completamente analfabeta; por isso e porque em Serpa existiu um convento de frades franciscanos. inclino-me a crer que as rimas que seguem teem uma origem popular e local.

\*

\* \* \*

Os frades de S. Francisco,  
Com infinita razão,  
Disseram ao seu guardião;  
«*Padre Nosso*,  
E' tal o governo vosso,  
Que quem vos não conhecer,  
Facilmente ha-de dizer  
*Que estaes nos ceus.*»  
«Tudo pôde fazer Deus,  
Mas não o que vós usaes;  
Não vos pareça que estaes  
*Sanctificado.*»  
«Tudo nos trazeis fechado!  
O mantimento que é certo,  
Manda, ó padre, que aberto  
*Seja*,  
Para que conheça e veja  
A vossa communidade,  
Que è cega a dignidade

(2) Perigo=raio ou corisco.

(3) Três machadinhas de pedra polida que ha tompo offerecemos ao dr. J. Leite de Vasconcellos, com destino ao Museu Ethnographico Portuguez, custaram-nos enormes esforços de *dialectica*; não queriam ceder-nol'as nem á mão de Deus padre!

De o vosso nome.»  
«Matae, reverendo, a fome  
Que n'este convento atura,  
P'ra que a hora da fatura  
*Venha a nós.*»  
«Inda que seja d'arroz,  
Matae, que assim nos convem,  
Pois que bem barato o tem  
*O vosso reino.*»  
«Bacalhau, n'este mosteiro,  
E' sempre a nossa comida,  
Sem que outra iguaria.....  
*Seja feita.*»  
«Tudo trazeis de suspeita,  
Usando de manha e traça.»  
E nós esperando se faça  
*A vossa vontade.*»  
«Mas è tal vossa crueldade  
Que passa limite grande!  
— Não queiraeis que a má fama ande  
*Assim na terra.*»  
• Em vós indo p'ra Inglaterra  
Aos herejes prègar,  
Havemos nós cá ficar  
*Como nos ceus.*»  
«O sustento dá-o Deus,  
Mais que vossa reverencia;  
Não tireis por consequencia,  
*O pão nosso.*»  
«Quando Christo Senhor Nosso,  
Ceus e terra fabricou,  
O sustento nos deixou  
*De cada dia.*»  
«Tiral-o que serviria?!  
E o nosso, reverendo,  
Logo em amanhecendo,  
*Nos dae hoje.*»  
«Tudo nos deitaes ao longe  
Com nosso governo tal...  
Se n'isto fallâmos mal,  
*Perdoae-nos.*»  
«Se ganhámos, sustentae-nos,  
D'essas missas que dizemos;  
Dae nos algo, pagaremos,  
*Senhor, as nossas dividas.*»  
«Pois não são mal permittidas.»  
Vós, padre, bem o sabeis,  
Porque vós tambem deveis  
*Assim como nós.*»

.....  
.....

(continua)

Serpa.

*Dias Hunes.*

